

Latona, mãe de Apolo e Diana

Propylæum Latinum

Trad. Victor Chabu

Contam os poetas que Júpiter apaixonou-se por muitíssimas moças, dentre as quais a mais bonita, relata-se, era Latona. Juno, esposa do Troante e rainha do céu, com duras penas aguentava que lhe fosse infiel seu marido e, com uma raiva inveterada, pôs-se a perseguir Latona: proibiu a todas as terras que a acolhessem grávida. A pobre menina, diante disso, viu-se forçada a buscar refúgio no mar, tendo no espírito a ideia de atirar-se nas ondas. Desmanchava-se em lágrimas e lamentava que tudo lhe fosse adverso.

O boato é que, naquele tempo, havia no mar uma pequena ilha, Delo. Para Netuno, rei do mar, ela não parecia estar obrigada às ordens cruéis de Juno. Por isso, comovido de misericórdia, encerrou-a com cercas de ferro e lá uma pequena morada, feita pela Natureza, ofereceu à infeliz Latona, que, de ter encontrado um lugar assaz propício para a tranquilidade, alegrou-se. Assim, debaixo de uma palmeira e de uma oliveira, deu à luz dois filhos: Apolo e Diana.

Mas Juno irada não cessou de perseguir essa mãe e expulsou-a, com os dois filhinhos, da ilha. Por selvas extremamente fechadas, por vales deleitabilíssimos, por montes muito altos ela errava, e nenhum mortal, por medo de Juno, ousou recebê-la. Ela própria afligia-se de uma sede

sem tamanho, mas mais deplorava a triste ruína das duas crianças inocentes. Disse: “melhor morrer que continuar vagando por todas as terras do mundo”, porém, vendo o riso doce dos filhos, decidiu antes passar pelo que fosse a vencida declarar-se por Juno. Enfim, chegou à Lícia, a um certo lago; tinha grande esperança que ali lhe seria permitido aliviar a sede.

Naquele dia, camponeses à beira de tal lago empenhavam-se em recolher juncos. A eles disse Latona suplicante: “permiti-me deste lago tirar água. Poucas coisas a vós peço; prometo, porém, que há de ser vossa glória grande, pois todos os homens dirão que à deusa Latona protegestes e a seus dois deuses infantes”. Os camponeses, no entanto, com voz ameaçadora responderam: “vai-te, Latona, de nós e da Lícia afasta-te! Não queremos com tua presença ser corrompidos. Sabemos-te grande inimiga de Juno, a quem grandemente veneramos, e fomos proibidos de acolher-te. Por tuas paixões gravemente ofendeste a rainha do céu; por tua audácia, agora cabe que sejas castigada”.

E não os pejou saltar no lago e, com um limo negro, poluir a água. Então Latona, tomada de enorme ira, ao pai de seus filhos pediu por um favor, exclamando: “ajuda-me, ó grande Júpiter, se a mim amas deveras. Que esses homens sempre no lago permaneçam. Pois é sacrílego uma obra de humanidade recusar a quem for”. E Júpiter não hesitou em ouvir a amante sua: os camponeses rudes tornaram-se mirrados animais; já não são homens, mas rãs torpes a que agrada boiar no lago. Porém, conquanto estejam sob a água, sob a água intentam maldizer a deusa.

Assim os camponeses da Lícia, por sua desumanidade, foram punidos.

De Latonā matre Apollinis atque Dianae

Poetae tradunt Jovem plurimas puellas adamasse, quarum omnium Latona pulcherrima fertur fuisse. Juno, uxor Tonantis caelique regina, molestissime ferebat maritum suum sibi infidelem esse atque Latonam irā vehementi persequabatur. Omnes terras vetuit Latonam gravidam recipere. Puella misera ob eam rem ad mare confugere coacta est, habens in animo se in undas dejicere. Flebat magnopere omniaque sibi adversa esse querebatur.

Fama est illo tempore insulam parvam Delum in mari natasse. Haec insula Neptuno, regi maris, jussis crudelibus Junonis obstricta non esse videbatur. Ideo, misericordiā commotus, Delum ferreis catenis devinxit ibique cubiculum a Naturā factum Latonae ostendit infelici, quae multum gavisā est se locum valde idoneum ad quietem invenisse. Sub palmā et olivā duos liberos peperit: Apollinem et Dianam.

Sed Juno irata non desiit matrem persequi eamque cum parvis liberis ejus ex insulā fugavit. Per silvas densissimas, per valles amoenissimas, per montes valde arduos errabat, sed nemo mortalium eam ob metum Junonis excipere ausus est. Ipsa ingenti siti vexabatur, sed maxime maerebat casum tristem duorum infantium innocentium. Dixit: "Praestat mori quam pergere errare per omnes terras mundi", sed videns dulcem risum filiorum, constituit omnia malle experiri quam se a Junone victam esse declarare. Tandem in Lyciam ad lacum quendam pervenit: magnam spem habebat fore ut ibi sitim sedare sibi liceret. Illo die agricolae in ripā hujus lacus juncos legere studebant. Eis Latona supplex dixit: "Sinite me ex hoc lacu aquam haurire. Parva a vobis peto; magnam autem fore gloriam vestram polliceor, nam ab omnibus hominibus dicemini deam Latonam duosque deos infantes servasse".

Agricolae autem minaci voce responderunt: "Abi, Latona, a nobis *equē* (= *et ex*) Lyciā discede (!) Nolumus conspectu tuo infici. Scimus te Junonis, quam magnopere veneramus, inimicissimam esse atque vetiti sumus te excipere. Amoribus

tuis reginam caeli graviter offendisti; nunc te oportet audaciā tuā plecti". Non puduit eos in lacum desilire et aquam limo nigro turbare. Tum Latona, magnā irā incensa, opem patris filiorum suorum invocavit, exclamans: "Opem mihi fer, o magne Juppiter, si me vere amas. Volo istos viros semper in lacu permanere. Nefas est enim officia humanitatis *cuiquam* ("a seja quem fôr") recusare".

Juppiter non dubitavit amicam suam exaudire: agricolae rudes exilia animalia fiunt; jam non sunt viri, sed ranae turpes, quas in lacu natare libet. Sed, *quamvis* ("embora") sint sub aquā, sub aquā maledicere temptant deae.

Sic agricolae Lyciae propter inhumanitatem suam puniti sunt.